

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

LEONARDO RIOS PÁDUA

CLUBE DA LUTA DE CHUCK PALAHNIUK: ANÁLISE DO TÓPICO “O QUE ACHA
DE SI MESMO” DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DO PROTAGONISTA DO
LIVRO

ANÁPOLIS-GO

2017

LEONARDO RIOS PÁDUA

CLUBE DA LUTA DE CHUCK PALAHNIUK: ANÁLISE DO TÓPICO “O QUE ACHA
DE SI MESMO” DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DO PROTAGONISTA DO
LIVRO

Artigo apresentado à Coordenação da Faculdade Católica
de Anápolis para obtenção do título de Especialista em
Filosofia Clínica sob orientação dos Professores Lúcio
Packter e Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

ANÁPOLIS-GO

2017

LEONARDO RIOS PÁDUA

UBE DA LUTA DE CHUCK PALAHNIUK: ANÁLISE DO TÓPICO “O QUE ACHA DE SI MESMO” DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DO PROTAGONISTA DO LIVRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pós-graduação em Filosofia Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

APROVADA EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

Convidada

Convidada

**ANÁPOLIS-GO
2017**

CLUBE DA LUTA DE CHUCK PALAHNIUK: ANÁLISE DO TÓPICO “O QUE ACHA DE SI MESMO” DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DO PROTAGONISTA DO LIVRO

Leonardo Rios Pádua¹
Aracelly Rodrigues Loures Range²
Lúcio Packter³

RESUMO: No livro *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk, acompanha-se a história de um homem que sofre de insônia, tédio existencial e depressão. Sem conseguir, sozinho, resolver a situação, ele desenvolve uma outra personalidade: Tyler Durden. Sob o enfoque da Filosofia Clínica proposta por Lúcio Packter procurou-se entender como poderia ser analisado o Tópico (02) “O que acha de si mesmo” da Estrutura de Pensamento do protagonista desse livro, considerando o reconhecimento do Transtorno Dissociativo de Identidade apresentado por esse personagem. Se há mais de uma personalidade, como saber o que esse indivíduo acha de si mesmo? Qual representação que uma pessoa assim tem de si mesma em seu exercício existencial?

Palavras-chave: Transtorno dissociativo de identidade. Personalidades múltiplas.
Estrutura do pensamento.

1 INTRODUÇÃO

Desde quando Lúcio Packter (*apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013,) iniciou a disseminação de “um sonho, um poema de vida, um trabalho para a construção de um mundo melhor a partir de cada pessoa”, a Filosofia Clínica vem sendo solicitada a revisitar temas já debatidos em outras áreas do conhecimento (Psiquiatria, Psicologia etc).

Este trabalho se desdobra nesse desafio de analisar, a partir de um *best seller* estadunidense, a questão do Transtorno Dissociativo de Identidade, delimitando naquele que, talvez, seja o ponto nevrálgico no estudo dessa condição de disfunção

¹ Advogado com especialização em Direito das Relações Sociais com área de concentração em Direito Processual.

² Professora Especialista em Revisão Textual e Assessoria Linguística. Orientadora em cursos de Especialização da Faculdade Católica de Anápolis.

³ Professor pós-graduado em Filosofia, Psicologia e Psicanálise, sistematizador da Filosofia Clínica no Brasil.

mental: o que o indivíduo acometido desse transtorno acha de si mesmo, considerando também a visão das suas “outras” personalidades.

Para isso, lança-se mão de todo embasamento teórico e prático desenvolvido na Filosofia Clínica, em especial à Estrutura de Pensamento.

E assim, a partir de um breve resumo da obra, segue-se para o conceito de transtorno dissociativo de identidade, lançando-se à visão da Filosofia Clínica sobre patologias ou doenças, para então concluir analisando o principal objetivo proposto.

Como metodologia, foi adotada a pesquisa bibliográfica, qualitativa, analítica e descritiva, aos moldes de um estudo de caso, com buscas em livros, artigos e *sites* sobre o tema.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 SOBRE O LIVRO E SEU AUTOR

Chuck Palahniuk é um escritor estadunidense, nascido em 21 de fevereiro de 1962. É formado em jornalismo pela *Columbia High School* desde 1980.

Alguns marcos da sua biografia podem ter exercido certa influência nos seus livros, tais como o divórcio de seus pais quando ele contava quatorze anos, bem como a tragédia do suicídio do avô paterno após ter assassinado a própria mulher, avó paterna de Palahniuk.

Seu livro “Clube da Luta” (*Fight Club*) foi publicado em 1996 e adaptado em filme lançado em 1999. Conta a história de um homem em idade adulta (30 anos), empregado de uma empresa de carros, coordenador de campanha de “recall”, que se encontra em estado de tédio e de depressão e com uma profunda insônia (PALAHNIUK, 2012, p. 60 e 57).

Eu estava cansado, enlouquecido e apressado e sempre que embarcava em um avião eu desejava que ele caísse. Tinha inveja das pessoas morrendo de câncer. Odiava minha vida. Estava cansado e entediado do meu trabalho e da minha mobília e não conseguia ver um jeito de mudar as coisas.

Via apenas como terminar com tudo.

Me sentia encurralado.

Eu era completo demais.

Perfeito demais.

Queria encontrar um jeito de escapar da minha vidinha. (PALAHNIUK, 2012, p. 215).

E então, se encontrando nesse limite, o protagonista conhece, ou melhor, cria Tyler Durden: seu alterego. Conforme o próprio narrador acaba concluindo próximo ao final da trama: “Tyler é uma projeção. Ele é um transtorno dissociativo de identidade. Um estado de fuga psicogênica. Tyler Durden é minha alucinação.”. (PALAHNIUK, 2012, p. 208)

E a partir dali toda a trama se desenvolve com a criação do Clube da Luta, do Projeto Desordem e Destruição (*Mayhem*) etc.

2.2 O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE

Por vezes, segundo Faria (2016, p. 41) o Transtorno Dissociativo de Identidade também foi conhecido como “distúrbio de personalidade múltipla”, “transtorno de múltiplas personalidades” e, de forma leiga, como “dupla personalidade”.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2007), através da Classificação Internacional das Doenças (CID – 10, F44), os transtornos dissociativos [de conversão] “se caracterizam por uma perda parcial ou completa das funções normais de integração das lembranças, da consciência, da identidade e das sensações imediatas, e do controle dos movimentos corporais”.

Sendo que dentre a subcategoria F44.8 (Outros transtornos dissociativos [de conversão]), destaca a “Personalidade múltipla”.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 05ª Edição, da *American Psychiatric Association*, (300.14):

os transtornos dissociativos são caracterizados por perturbação e/ou descontinuidade da integração normal de consciência, memória, identidade, emoção, percepção, representação corporal, controle motor e comportamento (DSM-5, 2014, p. 291).

Assim, o Transtorno Dissociativo de Identidade caracteriza-se pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos, os chamados alter, autoestados ou identidades (FARIA, 2015, p. 41, *apud* SPIEGEL, 2015); pela ocorrência de episódios de amnésia; por não advir de efeitos fisiológicos diretos de uma substância ou de uma condição médica geral (DSM-5, 2014, p. 291 e 292); entre outros sintomas.

Faria (2015, p. 42) destaca que o Transtorno Dissociativo de Identidade “é de origem psicorreativa, geralmente súbito e transitório, significando um quadro que surge como reação a alguma vivência traumática”.

Diante essas informações, percebe-se, destarte, que o protagonista parece ter subsumido a esse diagnóstico acerca da sua saúde mental, que, provavelmente, deve ter sido desenvolvido a partir do aparente quadro depressivo em que ele se encontrava, somado às perdas materiais que sofreu (explosão do seu apartamento).

Assim, observa-se uma perda na integração das lembranças (as quais ele só se dá conta ao final do livro, quando toma compreensão do seu transtorno), da consciência (pois não percebe quando “troca” de identidade), da identidade (ao desenvolver Tyler) e das sensações imediatas (talvez, por isso, buscava tanta intensidade na sua vida, participando de grupos de apoio sem estar sofrendo da mesma enfermidade que os demais participantes e por criar o Projeto Desordem e Destruição).

3 O CONCEITO DE DOENÇA PARA A FILOSOFIA CLÍNICA

Mais do que um comprometimento no estado de completo bem-estar físico, mental e social, a Filosofia Clínica entende a doença de maneira diferente dessa assumida pela Organização Mundial da Saúde em sua Constituição de 1946.

Assim, para Packter [2004] “Não existe o conceito de doença em Filosofia Clínica. O filósofo clínico entende as manifestações em seus devidos contextos. Nesse sentido, o filósofo clínico lidará com todas as questões que digam respeito à existência humana.”. E ainda, segundo ele (1997, p. 30), “Na Filosofia Clínica não existe normal x patológico, não existe doença x normalidade”.

Diante disso, percebe-se que, apesar dos ensinamentos psiquiátricos e psicológicos acerca do Transtorno Dissociativo de Identidade, na Filosofia Clínica, a importância da rotulação patológica dá lugar ao foco no indivíduo em seu contexto, com suas vivências e representações, revelando a vertente humanista primordial dessa abordagem filosófico-terapêutica.

Como bem explicou o professor Will Goya no mesmo sentido:

Os diversos conceitos psicológicos de doenças mentais são muito relativos, por serem culturais, e pela razão de não estarem nem um pouco isentos dos interesses políticos e econômicos, dos mecanismos de classificação, controle

e "ajustamento" aos estados de pressuposta normalidade. Em termos éticos, é inaceitável rotular alguém por "normal", ou qualquer variação do seu contrário, por enquadrar-se nas normas científica e socialmente estabelecidas pelos poderes vigentes ou pelo nivelamento da maioria. É nesse sentido, sobretudo pela dignidade moral, que a Filosofia Clínica alivia o peso dos equívocos de significado da acepção de "loucura" versus "normalidade" e seus correlatos mais brandos ("neurótico", "desequilibrado/descompensado emocionalmente" etc), porém não menos cruéis em seu estigma de exclusão. Não há nisso novidades que já não tenham sido ditas em multianálises do poder, por filósofos como Michel Foucault em *A História da Loucura* e por literatos como Machado de Assis, em *O Alienista*. (GOYA, 2016, p.1).

4 "O QUE ACHA DE SI MESMO": TÓPICO DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO

A Filosofia Clínica é fundamentada em métodos diversos; valendo-se, o Filósofo Clínico, da historicidade, fenomenologia, empirismo e analítica da linguagem, essencialmente, durante sua atuação profissional (PACKTER, [s.d.], Caderno A, p. 10).

De tal modo, conhecendo a história da pessoa (Historicidade) e sua localização existencial (Exames Categóricos), aos poucos o Filósofo Clínico vai desvelando a Estrutura de Pensamento do partilhante.

Estrutura de Pensamento é o modo como a pessoa está existencialmente no ambiente (PACKTER, [s.d.], Caderno A, p. 18). Tudo que se consentimos, intuímos, tudo que há em nós em nossa totalidade faz parte da nossa Estrutura de Pensamento (PACKTER, [s.d.], Caderno B, p. 04).

Di Paulo e Niederauer (2013, p. 116) alerta que o mais importante é compreender a dinâmica existencial da pessoa através da análise da Estrutura de Pensamento e não apenas categorizá-la.

A Estrutura de Pensamento é composta por trinta Tópicos (DI PAULO e NIEDERAUER, 2013, p. 116), ou seja, trinta identidades diferentes que o conteúdo da história de vida da pessoa pode ter (SEFSTROM, 2012); havendo a possibilidade para a inclusão de outros infinitos tópicos (Tópicos Anômalos – SENDTKO e AUGUSTO, 2011); sendo que, neste artigo, foi dada ênfase no chamado "O que acha de si mesmo", posto tratar-se de caso de Transtorno Dissociativo de Identidade, conforme abordado na obra "Clube da Luta".

Sendo importante salientar, entretanto, que os Tópicos sempre estão em contínua movimentação (plasticidade), podendo ser combinados entre si (Interseção)

de forma “poética como as cores de um caleidoscópio” (PACKTER, [s.d.], Caderno A, p. 19).

Packter ([s.d.], Caderno B, p. 19 e 20) define o Tópico “O que acha de si mesmo” como aquilo que a pessoa traduz, imagina, sente, intui, reflete, possui, expressa, entende a respeito de si mesma. A representação (Schopenhauer) que a pessoa tem de si mesma em seu exercício existencial.

E aqui revela-se o grande desafio deste artigo: o que acha de si mesmo uma pessoa com transtorno dissociativo de identidade? É a análise que se segue.

5 O QUE O PROTAGONISTA ACHA DE SI MESMO?

Apesar do foco da Filosofia Clínica ser o indivíduo em sua singularidade, não se pode olvidar a disfunção psíquica que tomou o protagonista do livro Clube da Luta.

Não fica claro, no livro, quais as razões (causas) que levaram o personagem principal a desenvolver tal transtorno.

Porém, percebe-se que ele realmente se fragmentou em duas personalidades diferentes: Narrador e Tyler Durden. Duas identidades, um mesmo ser humano.

Diante dessa questão, levantam-se indagações: há realmente várias personalidades, vários *alters*? Ou apenas uma identidade primária que acredita (e cria) outras, alternativas? (ONO e YAMASHIRO, [2002]).

Mas será que para a Filosofia Clínica essa questão de única ou múltiplas personalidades tem tanta importância quanto tem para a área médica psiquiátrica ou mesmo para a Psicologia?

Sobre isso, Packter (1977, p. 18) nos relembra que

A primeira lição fundamental na Filosofia Clínica é que aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz – isso é assim para ela -, independente de ser compartilhado com as outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante. Cada pessoa é “a medida de todas as coisas”.

Contudo, longe de agir com imprudência, negligência ou imperícia diante de quaisquer transtornos mentais apresentado pelo seu partilhante, o Filósofo Clínico tem todo o cuidado em averiguar e notar sinais característicos que necessitem de uma intervenção conjunta psiquiátrica. É por isso que Packter ([s.d.], Caderno A, p. 21 e 22) alerta que:

O filósofo, segundo a constituição brasileira, não tem habilitação legal para tratar algumas questões psiquiátricas que preconizam internamento, interdição dos direitos de liberdade social da pessoa, intervenções medicamentosas, e muitos dos processos descritos no DSM - IV.

Exatamente por isso é que os exames categoriais e a posterior montagem da Estrutura de Pensamento são mais uma vez essenciais!

Ao ter precisadas as cinco categorias, duvido que um filósofo clínico atento deixe passar em esquecimento àquelas questões. Duvido sim. Quando sistematizei a Filosofia Clínica tive todos os cuidados que me ocorreram nesse sentido. Ocupei-me muito com meus estudos para que meus alunos tivessem a segurança que no início eu não tive.

[...]

Ao ter como a pessoa se relaciona consigo mesma e com quem está em interseção com ela, praticamente o filósofo tem à disposição os dados que a medicina exige para sua tipologia - algo tão estranho a nós filósofos.

Esteja tranquilo quanto a isso.

Difícilmente lhe escapará ao entendimento alguém que tenha uma Estrutura de Pensamento organizada de modo “doentio”, segundo os critérios médicos, é evidente...

Então, sem desconsiderar o transtorno dissociativo de identidade assumido por nosso protagonista, como analisar o Tópico “O que acha de si mesmo” sob a lente da Filosofia Clínica?

Resposta: considerando o todo! O que o Narrador acha de si, o que ele acha de Tyler, o que Tyler acha de si e o que este, por sua vez, acha do Narrador. Tudo isso compõe, em conjunto, o Tópico “O que acha de si mesmo” dessa única pessoa, o protagonista do livro.

E porquê?

Porque, salvo melhor juízo, para a Filosofia Clínica a manifestação de “outra” identidade da pessoa tem natureza de Papel Existencial (Tópico 22 da Estrutura de Pensamento) dessa mesma pessoa.

Como explica Packter ([s.d.], Caderno E, p. 26):

O Papel Existencial diz respeito ao meu personagem em um contexto, com todas as suas especificidades. Agora, cuide bem de uma coisa: o Papel Existencial é definível somente pela pessoa - por e para ela mesma. [...] Papel Existencial é o que a pessoa é, intitulada, nomeada de si para si mesma, durante a interseção.

Acontece que, no caso de nosso herói-vilão, um de seus papéis existenciais ganhou força, ganhou vida e autonomia; criando uma tensão entre o que ele gostaria de ser e o que ele é face ao estopim de sua condição existencial naquele momento:

depressão, insônia, com o Tópico (11) “Busca” vazio e com uma visão pessimista e desesperançosa sobre o mundo, as pessoas e a sociedade:

You were looking for a way to change your life.
 You could not do this on your own.
 All the ways you wished you could be...that's me!
 I look like you wanna look, I fuck like you wanna fuck, I'm smart, capable and most importantly, I'm free in all the ways that you are not.⁴

Prestados esses esclarecimentos, há agora condição de averiguar, separadamente, o Tópico “O que acha de si mesmo” do protagonista de Palahniuk.

5.1 O QUE O NARRADOR ACHA DE SI MESMO

No livro, percebe-se que o Narrador tinha uma certa visão negativa sobre si mesmo; o que se agravou após o desenvolvimento do alter Tyler, ao qual, de forma interessante, passa a se comparar e deixar que influencie “seus” valores e autoestima, tal como se depreende dos seguintes trechos: “E eu costumava ser uma pessoa tão boa.” (PALAHNIUK, 2012, p. 142). “O que Tyler fala sobre sermos o lixo e os escravos da história é como me sinto”. (PALAHNIUK, 2012, p. 153).

Não sou nada no mundo se comparado a Tyler.
 Sou impotente.
 Sou um idiota e tudo o que faço é querer e precisar de coisas.
 Minha vidinha. Meu empreguinho de merda. Minha mobília sueca
 (PALAHNIUK, 2012, p. 182).

Sua afetividade/humor apresentava algumas alterações (TORRES e outras, 2002) tais como a hipotimia (rebaixamento geral do interesse, prazer e alegria do indivíduo) e, de certa maneira, uma angústia existencial, no sentido de uma condição humana mais carregada e sem sentido (DALGALARRONDO, 2008, p. 166). Não é por menos que o DSM-V (p. 294) traz a depressão como comorbidade aos transtornos dissociativos.

⁴ “Você estava procurando uma maneira de mudar sua vida. Você não pode fazer isso sozinho. Tudo o que você desejaria ser... este sou eu! Eu pareço como você queria parecer, trepo como você queria trepar, sou esperto, capaz, e, o mais importante, eu sou livre de todas as maneiras que você não é!”. Tradução livre de passagem (01:53:18 – 01:53:36) do filme estadunidense “Clube da Luta”, baseado no livro analisado neste artigo, lançado em 15 de outubro de 1999, com direção de David Fincher e roteiro de Jim Uhls (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fight_Club>. Acesso em: 08 fev. 2015).

Eu estava cansado, enlouquecido e apressado e sempre que embarcava em um avião eu desejava que ele caísse. Tinha inveja das pessoas morrendo de câncer. Odiava minha vida. Estava cansado e entediado do meu trabalho e da minha mobília e não conseguia ver um jeito de mudar as coisas. Via apenas como terminar tudo. Me sentia encurralado. Eu era completo demais. Perfeito demais. Queria encontrar um jeito de escapar da minha vidinha. Manteiguinha para um e assento aperto e ruim era o meu papel no mundo (PALAHNIUK, 2012, p. 215).

5.2 O QUE O NARRADOR ACHA DE TYLER DURDEN

O protagonista personifica em Tyler o que Carl Rogers (FEIST e outros, 2015, p. 196) chamou de “*self ideal*”, isto é, um conjunto de atributos que o indivíduo gostaria de possuir. Assim, declara que “Tyler não tinha nada a perder. Ele era o peão do mundo, o lixo da humanidade” (PALAHNIUK, 2012, p. 140). E da mesma forma, quando afirma:

Adoro tudo a respeito de Tyler Durden, sua coragem e inteligência. Sua energia. Tyler é engraçado, charmoso, forte e independente, e os homens olham para ele e esperam vê-lo no comando de seus mundos. Tyler é capaz e é livre, e eu não (PALAHNIUK, 2012, p. 217).

5.3 O QUE TYLER ACHA DO NARRADOR (E DO MUNDO)

Tyler propõe o autoconhecimento; propõe a busca da essência de cada um. E para tanto denuncia a materialidade mundana, os valores sociais capitalistas, flertando com Nietzsche ao propor uma espécie de transvaloração de todos os valores (BARRENECHEA, 2012), combinada com uma espécie de ascetismo contra o amor próprio e ao próprio ego, guiado por um niilismo ativo no caminho para tornar-te quem tu és. Veja como essa identidade desenvolve essas suas convicções nos fragmentos abaixo:

Tyler diz que ainda não estou nem perto de chegar ao fundo do poço. E que se não cair até lá não poderei ser salvo. Jesus fez isso ao ser crucificado. Não adianta apenas ter abandonado o dinheiro, bens materiais e o conhecimento. Isso não é apenas um retiro de fim de semana. Deveria estar me afastando do auto-aperfeiçoamento e correndo em direção ao desastre. Não posso mais jogar isso de modo seguro. Isso não é um seminário.

--- Se você perder a coragem antes de atingir o fundo do poço – Tyler explica -, jamais terá sucesso de verdade. Apenas depois do desastre é que podemos ressuscitar.
 --- Apenas depois de perder tudo é que você estará livre para fazer qualquer coisa – Tyler diz (PALAHNIUK, 2012, p.83 e 84).

--- Vocês não são um grão de neve belo e único. Vocês são a mesma matéria orgânica em decomposição que todos os outros são e somos todos parte da mesma pulha de compostagem.
 Ele continua.
 --- Nossa cultura nos fez sermos todos iguais. Ninguém mais é verdadeiramente branco, preto ou rico. Todos queremos a mesma coisa. Individualmente não somos nada (PALAHNIUK, 2012, p. 167).

[...] você não é definido por quanto dinheiro tem no banco.
 Você não é seu trabalho.
 Não é sua família nem é quem acha que é.
 --- Você não é seu nome [...]
 --- Você não é o seus problemas.
 [...]
 --- Você não é a sua idade [...].
 --- Você não é as suas esperanças.
 [...]
 --- Você não será salvo.
 [...]
 --- Todos vamos morrer um dia (PALAHNIUK, 2012, p. 178 e 179).

--- Há uma categoria de homens e mulheres jovens e fortes que querem dar a própria vida por algo. A propaganda faz essas pessoas irem atrás de carros e roupas de que elas não precisam. Gerações têm trabalhado em empregos que odeiam para poder comprar coisas de que realmente não precisam. --- Não temos uma grande guerra em nossa geração ou uma grande depressão, mas na verdade temos, sim, é uma grande guerra de espírito. Temos uma grande revolução contra a cultura. A grande depressão é a nossa vida. Temos uma depressão espiritual (PALAHNIUK, 2012, p. 186).

5.4 O QUE TYLER ACHA DE SI MESMO

Tyler Durden é a personificação da sua doutrina. Quanto mais ele se identifica como um ser humano sem qualquer valor social, desprezível, um nada; mais parece elevar sua autoestima. Por isso que nos trechos abaixo, Tyler advoga sobre seu estado marginalizado:

“No outro trabalho de Tyler, no hotel Pressman, ele disse que era um nada. Ninguém se importava se ele estava vivo ou morto e o sentimento era recíproco.” (PALAHNIUK, 2012, p. 140).

--- Sou um lixo – Tyler diz. --- Um lixo, um merda e um louco para você e este mundo fodido – ele fala para o presidente do sindicato. --- Você não liga para onde moro, como eu me sinto, o que como, como alimento meus filhos ou

como pago o médico se ficar doente, e, sim, sou estúpido, entediante e fraco, mas ainda assim sou responsável sua (PALAHNIUK, 2012, p. 142).

E Tyler acaba por pregar a divisão da sociedade em classes - umas com privilégios e outras nem tanto -; convidando a tomada de consciência dessa situação injusta contra a qual a resolução seria uma revolução, aos moldes marxistas, porém destrutiva (projeto *Mayhem*) e subversiva.

— Lembre-se disso - Tyler diz. — As pessoas em que você quer pisar, nós, somos as pessoas das quais você depende. Somos nós que lavamos suas roupas, preparamos sua comida e servimos o seu jantar. Arrumamos sua cama. Cuidamos de você enquanto dorme. Dirigimos as ambulâncias. Passamos as suas ligações. Somos cozinheiros e motoristas de táxi e sabemos tudo sobre você. Processamos seus pedidos de seguro e gastos do cartão de crédito. Controlamos todas as partes da sua vida. “Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filme ou da música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora - Tyler falou. — Então não venha foder com a gente.” (PALAHNIUK, 2012, p. 206).

--- O desastre é uma parte natural da minha evolução – Tyler sussurrou – rumo à tragédia e à dissolução.

[...]

--- Estou rompendo meus vínculos com a força física e os bens materiais – Tyler sussura -, pois apenas ao me destruir posso descobrir o poder superior do meu espírito (PALAHNIUK, 2012, p. 136).

[...] O que precisa considerar é a possibilidade de Deus não gostar de você. Pode ser que Deus nos odeie. Isso não é a pior coisa que poderia acontecer. Tyler achava que conseguir chamar a atenção de Deus sendo mau era melhor que não conseguir atenção nenhuma. Talvez porque seja melhor o ódio de Deus do que a indiferença Dele.

Se você pudesse escolher ser o pior inimigo de Deus ou um nada, o que escolheria?

Somos filhos do meio de Deus, de acordo com Tyler Durden, e não temos lugar especial na história nem atenção.

A menos que consigamos chamar a atenção de Deus, não temos a menor chance de danação ou redenção.

O que é pior, o Inferno ou o nada?

Apenas se formos pegos e punidos é que poderemos ser salvos (PALAHNIUK, 2012, p. 176).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chuck Palahniuk escreveu mesmo uma excelente narrativa ficcional recheada de ideologias e críticas, permeadas por um fundo surpreendente de transtorno mental, convidando os leitores a refletir sobre a ética das virtudes (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*).

Percebe-se que seu protagonista enfrentou conflitos de ordem psíquica e social. Reinventou-se numa nova personalidade ideal, capaz de resgatá-lo do oceano

de problemas que o sufocava existencialmente. E, no desenvolvimento desse transtorno dissociativo de identidade, nota-se que as duas personalidades têm pontos em comum e também divergentes.

Ao mesmo tempo que o narrador tem uma visão negativa sobre si, ele também se identifica com Tyler classificando ambos como “lixo da humanidade”. Mas tem profunda admiração por seu *Alter*, pois vê nele tudo aquilo que gostaria ser, como gostaria de se comportar, conviver com os outros, de se vestir, falar, andar etc.

Já o ponto de vista de Tyler acerca do seu “criador” se confunde com a visão geral que ele tem acerca de todos aqueles com quais ele mesmo se identifica: os invisíveis socialmente; aos quais ele convida para, assim como o Narrador, um despertar ético e social. Convida-os a se libertar de todas as amarras ontogenéticas, filogenéticas e culturais. A construir o próprio destino e a própria história. Expondo até um desejo megalomaniaco e contraditório de concertar o mundo com seus projetos de destruição.

Tyler também se considera a escória da humanidade, mas que cansou de baixar a cabeça para o mundo e que, não tendo nada a perder, sente-se completamente livre para assumir sua autenticidade e atender às suas convicções e ideias mais profundas, as quais o Narrador não conseguiu mais conter e projetou a Tyler.

E assim, posto que a Filosofia Clínica interpreta a presença de personalidades múltiplas, não apenas como um transtorno, mas também como uma autêntica manifestação necessária e singular de papéis existenciais do indivíduo, pode-se entender que a totalidade dessas descrições que cada identidade manifestou sobre si mesma e sobre a outra, correspondem, conjuntamente, ao objeto dessa pesquisa, qual seja, o que o protagonista do livro *Clube da Luta* acha de si mesmo (Tópico 02 da Estrutura de Pensamento).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Transvalorização de todos os valores e nova era trágica na perspectiva de Nietzsche. Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 91-115, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=7573&dd99=view>>. Acesso em 23 maio 2017.

CARVALHO, José Maurício de. **Estudo de Filosofia Clínica: uma abordagem fenomenológica**. Curitiba: Ibpex, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zEGTE5Rkk1QC&pg=PA50&lpg=PA50&dq=papel+existencial+expressividade+filosofia+cl%C3%ADnica&source=bl&ots=J_CasBaqZn&sig=sAC2DrYvDlcrjpEO1m69cswMCok&hl=pt-BR&sa=X&ei=88nbVPfaBc7FgwS9_4CICA&ved=0CB0Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 05 fev. 2015.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARIA, Marcello de Abreu. **Transtorno Dissociativo de Identidade e Esquizofrenia: uma investigação diagnóstica**. Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22760/3/2016_MarcellodeAbreuFaria.pdf>. Acesso em 01º jul. 2017.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da personalidade**. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes, Odette de Godoy Pinheiro. - 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

GOYA, W. **Ética e Filosofia Clínica – Coisas que a escuta ensina**, 2016. Disponível em:< <http://www.institutocampinas.org/tag/lucio-packter/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MENESES, Hélem Soares de. **Transtorno Dissociativo no Filme Clube da Luta**. Artigo desenvolvido na disciplina Psicopatologia II, do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Publicação no site: maio de 2012. Disponível em: < <https://psicologado.com/psicopatologia/transtornos-psiquicos/transtorno-dissociativo-no-filme-clube-da-luta>>. Acesso em 04 fev. 2015.

NEGRO JUNIOR, Paulo Jacomo; PALLADINO-NEGRO, Paula; LOUZA, Mario Rodrigues. Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 21, n. 4, Dec. 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 fev. 2015.

ONO, Marcel Kendi; YAMASHIRO, Fábio Maki. **Múltiplas personalidades: o distúrbio dissociativo da identidade**. Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Computação), [2004]. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/mc906_artigo_multiplas_personalidades_011738_008623.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional das Doenças (CID – 10)**. 2007. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f40_f48.htm>. Acesso em: 02 fev. 2015.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos de Filosofia Clínica**. Porto Alegre, [s.d.].

_____. **Entrevista para o site “Acesse Piauí”**, [2004]. Disponível em: <<http://www.institutopackter.com.br/imprensa/AcessePiau%C3%AD/index.html>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

_____. **Filosofia Clínica Propedêutica**. Porto Alegre: AGE, 1997.

PALAHNIUK, Chuck. **Site oficial do escritor**. Disponível em: <<http://chuckpalahniuk.net/author/strange-but-true-a-short-biography-of-chuck-palahniuk>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de Filosofia Clínica: Caso Nina Revisado e Ampliado**. 01ª Edição. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

REIMER, Ivoni Richter. **Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

SEFSTROM, Rosemiro A. **Suicídio**. 18 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.filosofiaclinicasc.com.br/artigo/suicidio-111>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SENDTKO, Gilberto; AUGUSTO, Everton. **Estrutura de Pensamento – EP**. 12 abr. 2011. Disponível em: <<http://cadernosclinicos.blogspot.com.br/2011/04/estrutura-de-pensamento-ep.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

TORRES, Albina Rodrigues; LIMA, Maria Cristina Pereira; SMAIRA, Sumaia Inaty. **Glossário de Termos de Psicopatologia**. Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP: 2002.